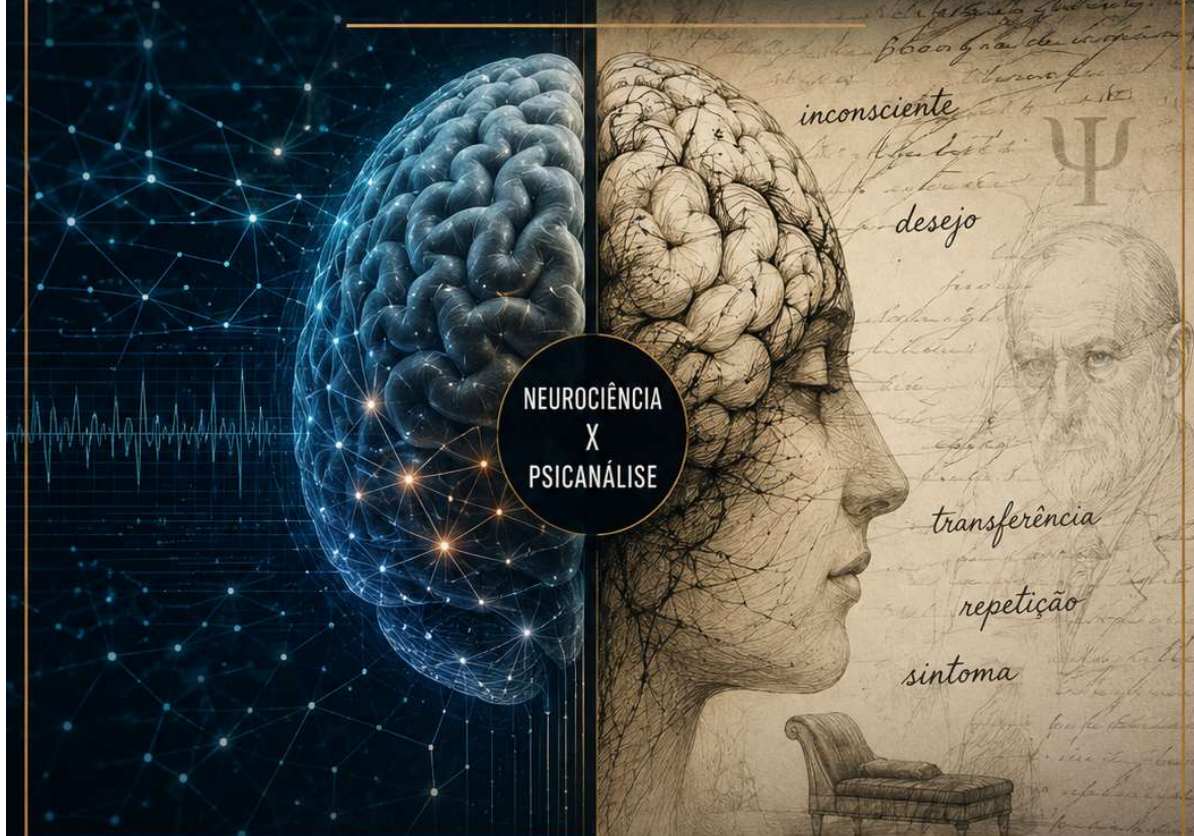


PSICANÁLISE • NEUROCIÊNCIA • TEORIA • CLÍNICA

MARK SOLMS

SOB CRÍTICA PSICANALÍTICA

Cinco pontos centrais da neuropsicanálise de Solms
confrontados com Freud, Lacan, Melanie Klein,
Winnicott e Bion



ANÁLISE CRÍTICA DE

DANIEL ALVES PENA

PSICANALISTA CLÍNICO

Graduado em Logística | Psicanalista Clínico
Graduando em Neurociência | Formações em Neurodesenvolvimento,
Neuroaprendizagem, Técnica da Psicanálise e Gestão de Marketing

2024

DANIEL ALVES PENA

MARK SOLMS SOB CRÍTICA PSICANALÍTICA

Cinco pontos centrais da neuropsicanálise de Solms confrontados com Freud, Lacan, Melanie Klein, Winnicott e Bion

RIO DE JANEIRO

2026

DANIEL ALVES PENA

MARK SOLMS SOB CRÍTICA PSICANALÍTICA

Cinco pontos centrais da neuropsicanálise de Solms confrontados com Freud, Lacan, Melanie Klein, Winnicott e Bion

Trabalho científico de natureza bibliográfica, qualitativa e analítico-crítica, elaborado por Daniel Alves Pena, com base na análise teórico-comparativa da obra de Mark Solms e no confronto com autores fundamentais da tradição psicanalítica.

RIO DE JANEIRO

2026

DEDICATÓRIA

À minha esposa, Ana Paula Lusitano Pena, a quem dedico este trabalho com amor, respeito e gratidão.

Sua presença, sua companhia e sua importância em minha caminhada fazem parte da história que me trouxe até aqui.

Este trabalho representa não apenas uma reflexão acadêmica, mas também uma etapa de uma trajetória construída com perseverança, dedicação e apoio daqueles que caminham ao nosso lado.

A você, Ana Paula, minha dedicatória e minha gratidão.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise crítica do artigo de Mark Solms, “O mecanismo de mudança na ‘cura pela fala’: uma perspectiva neuropsicanalítica”, publicado na Revista Brasileira de Psicanálise, v. 58, n. 2, p. 29–45, em 2024. O estudo concentra-se em cinco proposições centrais: a relação entre impulsos e consciência; a reconstrução do inconsciente como sistema de memória; a compreensão do reprimido como predição automatizada; a interpretação da transferência como encenação de predições infantis; e a compreensão da mudança terapêutica como substituição e reconsolidação de predições. A análise confronta essas proposições com fundamentos de Freud, Lacan, Melanie Klein, Winnicott e Bion. Sustenta-se que a questão central não é a ausência do inconsciente na proposta de Solms, mas a transformação de seu estatuto psicanalítico em uma arquitetura predominantemente neurocognitiva. O trabalho preserva a contribuição interdisciplinar da neuropsicanálise, mas questiona a equivalência entre processamento inconsciente e inconsciente psicanalítico.

Palavras-chave: Psicanálise; Inconsciente; Neuropsicanálise; Pulsão; Recalque; Transferência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 IDENTIFICAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA ANALISADA

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5 ANÁLISE CRÍTICA

5.1 Primeiro ponto: os impulsos são conscientemente experimentados

5.2 Segundo ponto: o inconsciente é principalmente um sistema de memória

5.3 Terceiro ponto: o reprimido é uma predição automatizada

5.4 Quarto ponto: transferência é a encenação de uma predição infantil

5.5 Quinto ponto: a cura consiste em substituir uma predição antiga por uma nova

7 DISCUSSÃO

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

O trabalho de Mark Solms possui uma característica que precisa ser reconhecida antes de qualquer crítica: ele não abandona a Psicanálise. Ao contrário, procura reconstruir conceitos psicanalíticos utilizando dados e modelos provenientes da neurociência.

Seu artigo trabalha especialmente com impulsos, inconsciente, repressão, transferência, repetição e mecanismo terapêutico da “cura pela fala”. Por isso, a crítica mais séria não consiste em dizer que Solms “esqueceu” ou “ignorou” o inconsciente.

O problema é mais profundo. Solms conserva a palavra “inconsciente”, mas modifica profundamente aquilo que o inconsciente significa dentro da teoria psicanalítica. Ele mantém o termo, mas procura traduzi-lo para uma arquitetura formada por memória, predição, automatização, processamento e reconsolidação.

É exatamente nesse deslocamento que se encontra o problema teórico examinado neste trabalho.

A crítica será organizada em cinco pontos centrais do artigo.

2 IDENTIFICAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA ANALISADA

Autor: Mark Solms.

Título: O mecanismo de mudança na “cura pela fala”: uma perspectiva neuropsicanalítica.

Revista: Revista Brasileira de Psicanálise.

Volume: 58.

Número: 2.

Ano: 2024.

Páginas: 29–45.

Publicação eletrônica: 2 de dezembro de 2024.

DOI: 10.69904/0486-641x.v58n2.03.

Natureza: artigo científico de perspectiva neuropsicanalítica.

O artigo apresenta uma revisão proposta por Mark Solms sobre dois eixos fundamentais da teoria psicanalítica: a natureza e o número dos impulsos e a natureza e as estruturas componentes do inconsciente, especialmente a constituição e manutenção do componente reprimido. O autor utiliza essas revisões para discutir suas implicações para a prática clínica.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise é fundamentada na tradição psicanalítica e mobiliza, principalmente, Sigmund Freud, Jacques Lacan, Melanie Klein, Donald W. Winnicott e Wilfred R. Bion.

Em Freud, são centrais os conceitos de inconsciente, pulsão, recalque, repetição, resistência, transferência e formação de compromisso.

Em Lacan, a análise considera a formulação do inconsciente estruturado como linguagem, a divisão do sujeito, o desejo, o significante, o Outro e a transferência.

Em Melanie Klein, são considerados a fantasia inconsciente, as relações objetais internas, as ansiedades e os mecanismos de defesa.

Em Winnicott, são mobilizados o desenvolvimento emocional, o ambiente, a constituição do self e a experiência relacional.

Em Bion, considera-se a transformação da experiência emocional, a função de pensar e a relação entre experiência e conhecimento.

A fundamentação permite comparar conceitos neurocognitivos apresentados por Solms com conceitos psicanalíticos que possuem história e estatuto teórico próprios.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, natureza analítico-crítica e método teórico-comparativo.

O procedimento consiste na leitura e análise do artigo de Mark Solms, seguida da identificação de cinco proposições centrais do autor e de seu confronto com formulações fundamentais da Psicanálise.

Em cada eixo, realiza-se um movimento analítico composto por: identificação da proposição de Solms; reconstrução de seu sentido em paráfrase; identificação do problema conceitual; e confronto com Freud, Lacan, Melanie Klein, Winnicott e Bion, quando pertinente.

O objetivo não é negar a validade de investigações neurocientíficas, mas examinar criticamente o que ocorre quando conceitos psicanalíticos são reconstruídos a partir de modelos neurocognitivos.

Assim, a análise distingue descrição neurobiológica, processamento não consciente e conceito psicanalítico de inconsciente.

5 ANÁLISE CRÍTICA

5.1 Primeiro ponto: os impulsos são conscientemente experimentados

Solms afirma, em sua revisão da teoria dos impulsos, que os impulsos emocionais são experimentados conscientemente. Quando uma necessidade ainda não é experimentada como sentimento, ele prefere tratá-la como uma necessidade corporal. Exemplos como fome e medo são utilizados para sustentar essa distinção.

Em outras palavras, a estrutura proposta pode ser compreendida como: necessidade corporal → impulso → sentimento consciente → trabalho da mente.

É necessário separar a manifestação consciente da pulsão da própria estrutura pulsional. O sujeito pode sentir fome, medo, raiva ou excitação, mas o fato de a manifestação afetiva chegar à consciência não significa que sua determinação psíquica seja consciente.

Freud: a pulsão não é simplesmente o sentimento consciente. Ela é uma exigência que incide sobre o aparelho psíquico. Em *O inconsciente* (1915), Freud distingue a pulsão de sua representação psíquica.

A Psicanálise pergunta por que determinada situação produz medo, que representação está associada ao objeto, que conflito está envolvido, que desejo está sendo recalcado e por que determinado padrão se repete. O sentimento pode ser apenas a superfície consciente de uma organização inconsciente.

Lacan aprofunda a crítica ao mostrar que o sujeito não coincide com aquilo que conscientemente afirma ser. Pode dizer “eu quero” e, entretanto, seu desejo apontar para outra direção; pode dizer “eu não quero isso” e continuar repetindo aquilo que afirma não querer.

Conclusão crítica: Solms tem razão ao reconhecer manifestações conscientes dos impulsos, mas a questão está em transformar essa manifestação no fundamento da própria definição do impulso. O afeto pode ser consciente; a determinação pode ser inconsciente.

5.2 Segundo ponto: o inconsciente é principalmente um sistema de memória

Solms estabelece uma separação entre id e inconsciente e propõe compreender o inconsciente principalmente em termos de sistemas de memória, especialmente memória não declarativa. Em sua arquitetura: id = fonte dos impulsos; inconsciente = sistema de memória.

O inconsciente freudiano não é simplesmente uma memória escondida. Uma memória inacessível e um conteúdo reprimido não são conceitos automaticamente equivalentes.

O inconsciente freudiano possui dinâmica própria. Ele não apenas guarda: deseja, recalca, desloca, condensa, fantasia, repete, produz sintomas, produz atos falhos e organiza formações de compromisso. Portanto, o inconsciente não é apenas aquilo que não pode ser lembrado; é aquilo que continua operando sem ser reconhecido pelo sujeito.

Em Melanie Klein, o inconsciente envolve fantasias inconscientes, relações objetais, objetos internos, ansiedades, projeções, introjeções, cisões e identificações projetivas.

Em Bion, a experiência emocional não é simplesmente armazenada; ela precisa ser transformada. O aparelho psíquico trabalha sobre a experiência.

Em Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem e está articulado ao significante, à linguagem, ao desejo, ao sujeito e ao Outro.

Conclusão crítica: memória não declarativa pode ser inconsciente, mas o inconsciente psicanalítico não se reduz à memória não declarativa.

5.3 Terceiro ponto: o reprimido é uma predição automatizada

Solms afirma que determinadas predições são prematuramente automatizadas e passam a constituir aquilo que ele relaciona ao reprimido. A criança enfrentaria problemas que não consegue resolver e automatizaria uma solução disponível.

Portanto: problema insolúvel → retirada do foco → automatização → predição reprimida.

A questão é: recalque é simplesmente retirar algo do foco da mente? Para Freud, não. O recalque está ligado ao conflito.

O conteúdo reprimido não desaparece; continua atuando e retorna no sintoma, sonho, ato falho, repetição, transferência e fantasia. O reprimido não está morto; ele está ativo.

Na perspectiva kleiniana, as defesas estão vinculadas à ansiedade e às relações objetais internas. Em Winnicott, o desenvolvimento psíquico não pode ser compreendido isolando o organismo de seu ambiente.

Conclusão crítica: podemos aceitar que determinadas experiências sejam automatizadas e permaneçam fora da consciência, mas não podemos concluir que automatização seja sinônimo de recalque.

Convergência com fontes externas: Elise Alves dos Santos (2020) relata a aproximação feita por Solms entre conceitos psicanalíticos e categorias como memória, predição e automaticidade. Jorge Forbes e Daniele Riva (2004), por sua vez, criticam a redução de conceitos

psicanalíticos a categorias neurocientíficas. Em conjunto, essas fontes externas corroboram a cautela adotada nesta conclusão: automatização neurocognitiva não deve ser tomada automaticamente como equivalente ao recalque freudiano. (SANTOS, 2020; RIVA; FORBES, 2004).

5.4 Quarto ponto: transferência é a encenação de uma predição infantil

Solms entende a transferência como a encenação de predições infantis sobre como satisfazer demandas emocionais, formadas nas relações primárias e posteriormente repetidas diante de objetos atuais.

Esse é um ponto forte do artigo porque reconhece que o sujeito pode repetir algo sem compreender completamente por que repete.

Mas a transferência é somente uma predição infantil automatizada? Não.

Na Psicanálise freudiana, a transferência envolve atualização de desejos, expectativas e posições inconscientes. Pode envolver desejo, ambivalência, amor, hostilidade, rivalidade, fantasia, resistência, repetição e satisfação inconsciente.

Em Lacan, a transferência envolve o lugar do Outro, o sujeito suposto saber e a estrutura do desejo.

Portanto, a noção de predição pode ajudar a descrever um aspecto da repetição, mas a transferência psicanalítica não pode ser reduzida a uma predição infantil automatizada.

5.5 Quinto ponto: a cura consiste em substituir uma predição antiga por uma nova

Solms propõe que o trabalho terapêutico permita tornar acessíveis antigas predições, possibilitando sua revisão e a construção de novas respostas posteriormente consolidadas e automatizadas.

A estrutura seria: predição antiga → consciência → reflexão → nova predição → reconsolidação → automatização.

Esse modelo aproxima a Psicanálise de uma teoria de aprendizagem. O paciente teria uma resposta inadequada, descobriria uma resposta melhor, praticaria e consolidaria a nova resposta.

Freud, entretanto, não reduziu o tratamento a ensinar uma resposta melhor. Estão envolvidos resistência, transferência, repetição, elaboração, conflito e ambivalência.

O paciente pode compreender intelectualmente alguma coisa e continuar repetindo exatamente o mesmo comportamento. Saber não basta.

Em Lacan, saber não elimina o desejo. Em Bion, conhecer intelectualmente não equivale a transformar a experiência emocional. Em Winnicott, a mudança também depende da experiência relacional. Em Klein, envolve transformações nas relações objetais internas.

Conclusão crítica: reconsolidação não é sinônimo de elaboração psicanalítica; nova aprendizagem não é sinônimo de transformação psíquica; mudança comportamental não é necessariamente mudança na posição subjetiva.

6 ARTICULAÇÃO ENTRE A CRÍTICA PSICANALÍTICA E A PROPOSTA NEUROCIENTÍFICA

A análise desenvolvida nos cinco pontos anteriores permite estabelecer uma articulação entre a proposta neurocientífica de Mark Solms e os fundamentos da Psicanálise. O objetivo desta seção é explicitar que a aproximação entre neurociência e Psicanálise pode ser produtiva, mas não elimina a necessidade de preservar as diferenças conceituais, metodológicas e epistemológicas entre os campos. A discussão retoma Freud e os demais referenciais psicanalíticos utilizados neste trabalho para examinar até que ponto conceitos como inconsciente, pulsão, recalque, transferência e cura podem ser traduzidos para categorias neurocientíficas sem perder sua especificidade.

6.1 Limites da equivalência entre categorias neurocientíficas e conceitos psicanalíticos

O ponto central da articulação proposta é distinguir correspondência de equivalência. Uma correlação entre processos cerebrais, memória, previsão, afeto ou aprendizagem e fenômenos clínicos não autoriza, por si só, afirmar que uma categoria neurocientífica seja idêntica a um conceito metapsicológico. A Psicanálise trabalha com uma lógica própria de investigação do sujeito, enquanto a neurociência opera predominantemente por modelos biológicos e funcionais. A aproximação entre os campos pode ampliar o debate, mas exige que cada conceito seja preservado em seu nível de formulação.

6.2 A contribuição da Neuro-Psicanálise para o debate contemporâneo

A Neuro-Psicanálise pode contribuir para o diálogo contemporâneo ao colocar em contato dados sobre cérebro, emoção, memória e processos não conscientes com questões formuladas pela tradição psicanalítica. Entretanto, a contribuição interdisciplinar não deve ser confundida com a substituição da metapsicologia por uma descrição neurobiológica. A crítica desenvolvida neste trabalho, portanto, não propõe rejeitar a Neuro-Psicanálise, mas examinar criticamente seus

limites quando a tradução de conceitos passa a ser apresentada como identidade entre diferentes níveis de explicação.

7 DISCUSSÃO

Os cinco eixos analisados convergem para uma questão comum: Solms não ignora o inconsciente. Ele fala explicitamente de inconsciente, reprimido, transferência, repetição e defesa. O problema está na reconstrução desses conceitos dentro de uma arquitetura neurocognitiva.

Em Freud, o inconsciente é uma dimensão dinâmica do aparelho psíquico. Em Klein, envolve fantasia e relações objetais. Em Winnicott, articula-se ao desenvolvimento do self e à experiência relacional. Em Bion, envolve transformação da experiência emocional e capacidade de pensar. Em Lacan, o inconsciente é estruturado como linguagem e articulado ao significante, ao desejo e à divisão do sujeito.

Solms, por sua vez, reconstrói o inconsciente predominantemente por meio de memória, predição, automatização e processamento não consciente.

O problema, portanto, não está em utilizar a neurociência. Está em permitir que o modelo neurocognitivo redefina o objeto psicanalítico.

É legítimo investigar processos neurobiológicos associados à repressão, sistemas cerebrais relacionados à memória implícita e a possível contribuição da reconsolidação para a mudança terapêutica. Outra coisa é transformar essas descrições em equivalentes do conceito psicanalítico.

A neurociência pode descrever como determinadas redes processam informação, mas isso não significa que tenha esgotado o significado psicanalítico de desejo, recalque, fantasia, sintoma, transferência e inconsciente.

A diferença epistemológica é fundamental: uma explicação neurobiológica de um mecanismo não elimina necessariamente sua dimensão subjetiva.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se deve afirmar que Solms ignorou o inconsciente. Essa formulação não corresponde ao próprio artigo.

A crítica mais precisa é afirmar que Solms preservou o conceito de inconsciente, mas o reconstruiu segundo uma lógica neurocognitiva que modifica seu estatuto dentro da teoria psicanalítica.

O problema, portanto, não é a ausência do inconsciente, mas a transformação do inconsciente.

Freud introduziu o inconsciente como ruptura com a soberania da consciência. Lacan mostrou que o inconsciente está estruturado na linguagem e que o sujeito é dividido pelo significante. Klein demonstrou a força das fantasias inconscientes e das relações objetais internas. Winnicott mostrou que a constituição subjetiva depende de uma experiência relacional complexa. Bion mostrou que a experiência emocional precisa ser transformada em pensamento.

Nenhum desses modelos permite reduzir o inconsciente simplesmente a memória não declarativa + predição + automatização.

Assim, a proposta de Solms pode representar uma contribuição relevante para o diálogo entre Psicanálise e neurociência, mas não deve ser tomada como equivalente à concepção psicanalítica do inconsciente.

A tese central desta crítica pode ser sintetizada da seguinte maneira: Solms não esqueceu o inconsciente; ele o conservou como palavra, mas modificou seu estatuto teórico.

O problema de Solms não é ter esquecido o inconsciente; é ter tentado fazê-lo caber dentro daquilo que a neurociência consegue chamar de inconsciente.

Para a neurociência, inconsciente pode significar aquilo que o cérebro processa sem consciência. Para a Psicanálise, inconsciente significa aquilo que pode determinar o sujeito sem que o sujeito saiba que está sendo determinado.

Uma coisa é processamento inconsciente. Outra coisa é inconsciente psicanalítico. É nessa diferença que a crítica de Daniel Alves Pena a Mark Solms encontra seu fundamento central.

8 FONTES EXTERNAS

8.1 Raymond Tallis — The Guardian

Raymond Tallis, filósofo, escritor, crítico cultural e, até recentemente, médico e cientista clínico, publicou no The Guardian, em 12 de janeiro de 2026, uma resenha de *The Only Cure: Freud and the Neuroscience of Mental Healing*, de Mark Solms, posteriormente modificada em 25 de janeiro de 2026. Tallis reconhece a ambição intelectual de Solms e sua tentativa de reabilitar Freud perante a neurociência contemporânea, mas questiona a extensão de algumas conclusões clínicas e a força das evidências utilizadas para sustentá-las. (TALLIS, 2026).

Em particular, Tallis distingue casos clínicos convincentes de demonstrações gerais de eficácia e questiona se as evidências disponíveis autorizam apresentar a Psicanálise como uma cura em sentido exclusivo. Sua contribuição é utilizada neste trabalho como contraponto metodológico, sobretudo para a distinção entre hipótese, evidência, caso clínico e conclusão geral. (TALLIS, 2026).

Referência da fonte: TALLIS, Raymond. The Only Cure by Mark Solms review – has modern neuroscience proved Freud right? The Guardian, Books, 12 jan. 2026. Modificado em 25 jan. 2026. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2026/jan/12/the-only-cure-by-mark-solms-review-a-bold-attempt-to-rehabilitate-freud>. Acesso em: 11 ago. 2026.

8.2 Elise Alves dos Santos — Elise Alves

Elise Alves dos Santos publicou, em 16 de setembro de 2020, no site Elise Alves, o texto “Minhas impressões sobre a neuropsicanálise”, elaborado a partir de sua experiência em uma Jornada de Psicanálise e em um workshop de Educação em Neuropsicanálise ministrado por Mark Solms. A autora relata ter percebido forte predominância do discurso neurocientífico e questiona algumas traduções de conceitos psicanalíticos para categorias neurocognitivas. (SANTOS, 2020).

Entre os pontos relatados estão a aproximação entre afeto e consciência do afeto, a consciência do id e a substituição de termos psicanalíticos por categorias como memória, predição, memória procedural e automaticidade. O texto é utilizado como fonte externa de convergência conceitual com os problemas discutidos nesta pesquisa, sem substituir a argumentação principal do autor deste trabalho. (SANTOS, 2020).

Referência da fonte: SANTOS, Elise Alves dos. Minhas impressões sobre a neuropsicanálise. Elise Alves, 16 set. 2020. Disponível em: <https://elise.psc.br/2020/09/16/minhas-impressoes-sobre-a-neuropsicanalise/>. Acesso em: 11 ago. 2026.

8.3 Jorge Forbes e Daniele Riva — Folha de S.Paulo / Jorge Forbes

Daniele Riva e Jorge Forbes publicaram o texto “Complexo de cientista” originalmente no Caderno Mais! da Folha de S.Paulo, em 11 de julho de 2004. A publicação identifica Riva como médico neurologista do Hospital Sírio-Libanês de São Paulo e Forbes como médico psiquiatra e psicanalista. O texto apresenta uma crítica epistemológica à aproximação entre Psicanálise e

neurociência quando esta implica redução dos conceitos psicanalíticos a categorias neurobiológicas. (RIVA; FORBES, 2004).

Entre os pontos relevantes para esta pesquisa estão a distinção entre inconsciente cognitivo e inconsciente psicanalítico e a crítica à tentativa de localizar no cérebro conceitos como id, ego e superego. Os autores defendem que o campo psicanalítico possui estatuto próprio e que a aproximação com a neurologia não deve apagar a ruptura epistemológica realizada por Freud. (RIVA; FORBES, 2004).

Referência da fonte: RIVA, Daniele; FORBES, Jorge. Complexo de cientista. Folha de S.Paulo, Caderno Mais!, São Paulo, 11 jul. 2004. Republicado no site Jorge Forbes. Disponível em: <https://jorgeforbes.com.br/complexo-de-cientista/>. Acesso em: 11 ago. 2026.

8.4 Mário David e Lara Caeiro — Vínculo / PePSIC

Mário David e Lara Caeiro publicaram o artigo “O nascimento e o desenvolvimento da neuro-psicanálise” na revista Vínculo – Revista do NESME, v. 17, n. 1, p. 1–24, jan./jun. 2020, DOI 10.32467/issn.19982-1492v17n1p1-24. Os autores apresentam uma posição favorável ao diálogo entre Psicanálise e Neurociências Modernas. (DAVID; CAEIRO, 2020).

A relevância desta fonte para a presente crítica está no fato de que os autores, embora favoráveis à Neuro-Psicanálise, preservam uma distinção epistemológica entre a investigação da experiência subjetiva em primeira pessoa e a investigação objetiva do cérebro em terceira pessoa. Assim, o artigo funciona como contraponto e ajuda a sustentar uma posição equilibrada: diálogo interdisciplinar não significa necessariamente redução da Psicanálise à neurociência. (DAVID; CAEIRO, 2020).

Referência da fonte: DAVID, Mário; CAEIRO, Lara. O nascimento e o desenvolvimento da neuro-psicanálise. Vínculo – Revista do NESME, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1–24, jan./jun. 2020. DOI: 10.32467/issn.19982-1492v17n1p1-24. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v17n1/v17n1a02.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2026.

8.5 Síntese das fontes externas

As quatro fontes externas não são apresentadas como se possuísem a mesma posição. Tallis contribui principalmente para a crítica metodológica e empírica; Elise Alves dos Santos oferece um contraponto conceitual a partir de sua experiência com Solms; Forbes e Riva formulam uma crítica epistemológica e psicanalítica; e David e Caeiro representam uma posição favorável ao diálogo Neuro-Psicanálise–Neurociência, preservando, contudo, diferenças entre os

níveis de investigação. Essas contribuições externas corroboram, contrastam e ampliam a análise principal sem substituir sua autoria.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

SOLMS, Mark. O mecanismo de mudança na “cura pela fala”: uma perspectiva neuropsicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 29–45, 2024. DOI: 10.69904/0486-641x.v58n2.03.

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18.

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19.

KLEIN, Melanie. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946). In: KLEIN, Melanie. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

WINNICOTT, Donald W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.

BION, Wilfred R. *Learning from Experience*. London: Heinemann, 1962.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

RIVA, Daniele; FORBES, Jorge. Complexo de cientista. *Folha de S.Paulo, Caderno Mais!*, São Paulo, 11 jul. 2004. Republicado no site Jorge Forbes. Disponível em: <https://jorgeforbes.com.br/complexo-de-cientista/>. Acesso em: 11 ago. 2026.

FOLHA DE S.PAULO. Complexo de cientista. 11 jul. 2004. Identificação dos autores: Daniele Riva, médico neurologista do Hospital Sírio-Libanês de São Paulo; Jorge Forbes, médico psiquiatra e psicanalista. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1107200401.htm>. Acesso em: 11 ago. 2026.

DAVID, Mário; CAEIRO, Lara. O nascimento e o desenvolvimento da neuro-psicanálise. *Vínculo – Revista do NESME*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1–24, jan./jun. 2020. DOI:

10.32467/issn.19982-1492v17n1p1-24.

Disponível

em:

<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v17n1/v17n1a02.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2026.